

AÇÃO DIRETA

SEMENARIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

Não é a democracia que ameaça invadir-nos; quem ameaça invadir tudo é o jesuitismo que dá ordens em todos os ramos da administração e acabará por nos absorver.

CASIMIR PERIER

ANO I

Rio de Janeiro — Sábado, 29 de Junho de 1946

N.º 11

O grande obstáculo Confederação Nacional do Trabalho da Espanha

Em seu livro *Como se fez a revolução russa*, o célebre anarquista Vólin, depois de explicada a vitória do partido bolchevista, examina a questão sempre ventilada pelos adversários do anarquismo: «Porque não dominaram os anarquistas a situação? porque não dirigiram a revolução no sentido anárquico?»

A isso responde ele com três poderosas razões, a primeira das quais, determinante das outras, foi o preconceito do Estado. «Como em toda a parte, explica ele, também na Rússia, o Estado e o governo apareciam sempre às massas como elementos indispensáveis, naturais, historicamente aparecidos uma vez para sempre. Nem os preocupava saber se Estado e Governo eram instituições úteis, aceitáveis. Jamais lhes vinha à mente essa questão e, se alguém a formulava, começava e frequentemente terminava sem ser entendido».

Ora, a Rússia saía do tzarismo, de uma autocracia, de um sistema estatal por direito divino e um governo perpétuo, hereditário, sacrossanto.

A reação contra o povo, revolucionado falsamente pelo pope Gapone, despertou nas vítimas a dúvida naquela sacrossantidade e abriu larga brecha aos revolucionários contra a fortaleza do tabu.

Os desastres da guerra aceleraram a desconfiança e a propaganda intensa dos socialistas agitou civis e militares.

Ao romper a revolução, os partidos socialistas já dispunham de vastas massas adversas ao tzar e prontas a uma ação destruidora do velho Estado russo, ineficiente, antipopular e incapaz de vitória.

Porém, como diz Comte, só se destrói alguma coisa substituindo-a por outra.

Que propunham os socialistas de toda côr às massas desiludidas, para substituir o Estado tzarista, autocrático e hereditário?

Propunham outro Estado. Os socialistas côr de rosa, à Kerensky, ofereciam um regime parlamentar, com as sabidas câmaras e uma constituição aprovada pelos representantes do povo. Já era algo melhor que a côrte e as côrtes, mas a inhabilidade de Kerensky deu a vitória a um governo que devia enfrentar a guerra, e não criar uma impossível vitória.

Os socialistas ou bolcheviques, reagrupados em um partido único, mais vociferaram, com os seus jornais e jornais puderam, uma revolução profunda.

Clamaram pela entrega do poder aos operários, camponeses e soldados. Deparam às massas um Estado Proletário!!! Substituíam o tzar pelo próprio povo. Exaltavam a plebe à culminância máxima. As tais câmaras seriam constituídas, não por meros representantes políticos, compor-se-iam dos próprios operários reunidos em conselhos, isto é, em soviets e estes soviets seriam o povo içado à ditadura contra os seculares ditadores da Rússia.

Assim, opunha-se um Estado Proletário e um governo proletário a outro Estado aristocrático e outro governo aristocrático.

Mantinha-se a noção Estado, a realidade Estado, o tabu Estado, adicionando-se-lhe um adjetivo de apetite: proletário.

Era a massa promovida a Estado, mandando, resolvendo, decretando!

Contra essa obsessão dupla: Estado e governo, que poderiam fazer os anarquistas cuja missão é abater esse ídolo, desmoralizar esse tabu, desfazer essa superstição.

Não é precisamente esse o mais tremendo obstáculo, ainda hoje, à propaganda anarquista?

Quando nos perguntam que é o anarquismo e resumimos a resposta em uma frase: «É a doutrina que prega uma organização social sem Estado», logo salta a inevitável objeção: «E como se pode viver sem Estado?»

Temos, então, de demonstrar, longamente, o que é o Estado burguês, o milenar monstro criado pelo capitalismo e devorador das energias todas do trabalho em proveito de uma oligarquia imperante.

E por mais demonstrativa que seja a exposição, em geral o obsedado nos repele com a frase encerradora: «Isso é muito bonito, mas é utopia!»

Vêde, porém, a ilogicidade da resposta! Esperávamos coisa inteiramente outra. Se a primeira frase é: «Isso é muito bonito!», logicamente, a segunda deveria ser: «Então, vamos trabalhar para pô-lo em prática!».

Mas, o monstro Estado é apavorante. Poucos lhe percebem os pés de barro. Tão grande é a vesânia, que, ainda o vendo por terra como na Rússia, tratam de reerguê-lo, cimentar-lhe o pedestal, pintá-lo de outra côr e repô-lo na sua função maléfica.

Entretanto, na própria Rússia, houve quem deixasse bem caído o Moloc nefasto e se opusesse tenazmente a reicá-lo. Foi Makhnó, foram os anarquistas de Gulai-Pole, foi aquela incomparável pléiade revolucionária que despedaçou, pela primeira vez na história, o boneco papão e inaugurou a organização verdadeiramente livre, ensinando como destruir de uma vez a Injustiça Humana.

Makhnó e seus companheiros foram lógicos. Viram a beleza da doutrina e concluíram como deviam: «Vamos pô-la em prática!» E a puseram. E viram quão realmente bela, muito mais bela ainda, é a realidade viva, do que o sonho. A utopia foi feita, foi vista, foi vivida, até que os criadores do Estado Proletário, os recriadores do tzarismo totalitário, usando de ignóbil farsa e atraçoando vilmente os verdadeiros revolucionários russos, refirmassem nuns pés novos o

Apelo à consciência universal - Processo monstruoso em Madrid, 11 penas de morte!

Do Comitê Nacional da C. N. T. — Confederação Nacional do Trabalho da Espanha recebemos o seguinte apelo que publicamos em idioma castelhano conservando a sua dramática realidade.



¡ 11 PENAS DE MUERTE !

Continúa en Franconia el asesinato de hombres que lucham por la libertad.

Noticias que acabamos de recibir nos aseguran que en España se está celebrando un Consejo de Guerra en Madrid, en el cual se piden ONCE penas de muerte para los dieciocho encartados en un proceso por atentado contra la seguridad del Estado

Otra vez la sangre va a correr hasta llenar el suelo hispano.

Que cuantos se sientan ultrajados por el nuevo atentado a la conciencia humana se dispongan a elevar su protesta de forma práctica ante el mundo que contempla esta vesánica actitud de Franco, asesino tolerado por la ONU, en sus titubeantes actitudes.

¡Abajo Franco y Falange! Este debe ser el grito de guerra contra este nuevo crimen que se pretende llevar a cabo contra seres que aman la libertad y que por ella son victimas de los asesinos totalitarios franquistas, únicos supervivientes de la criminalidad ambiente.

Insertamos la lista de los encartados en este proceso:

Gregorio Gallego García, Juan Torres Mendoza, Manuel Alarcón de Bona Casa, Manuel Muñoz Valdivieso, Francisco Torregrosa Zañudo, Vidal Méndez Martínez, Francisco Sanjurjo, Juan García, Juan Martínez, Restituto del Castillo Ruiz, Justo Rodríguez Frías, Gómez Fernández, Pedro Díaz Algora, Emilio López López y Luis Cap...

Eis o apelo dos camaradas da Espanha. Elevemos a nossa voz de protesto para evitar este novo crime das hordas de Franco falangista,

Rio de Janeiro, Junho de 1946. — A Subdelegação no Brasil da C. N. T. da Espanha

ESTAMPAS DE ESPANHA

SEVILHA...!

TOURADAS, SANGUE, QUEIPO DE LLANO...!

Por MANOEL PERES

Quem diria..?

No dia 30 de dezembro de 1930, o general Gonzalo Queipo de Llano e o comandante Ramon Franco, irmão do fatídico caudilho que hoje oprime o povo espanhol, davam em Madrid o grito de revolta contra a Monarquia de Afonso III, solidários com o movimento que surgira em Jaca no dia 13 do mesmo mês e dirigido pelos bravos capitães Galan e Garcia Hernandez.

A sublevação foi dominada pelas hordas monárquicas e os heroicos capitães foram fuzilados no Campo dos Mártires de Huesca, pagando com as vidas o seu grande amor à liberdade. Mais felizes que Galan e Garcia Hernandez, Ramon Franco e Queipo de Llano conseguiram fugir para Portugal num avião.

Proclamada a república em 1931, Queipo de Llano foi nomeado comandante militar de Madrid e Ramon Franco foi

eleito deputado por um dos partidos de izquierdas.

Traidores...?

Quando Franco deu, no dia 17 de julho de 1936, o seu grito de revolta contra o povo espanhol, o irmão do caudilho e o general Queipo de Llano, que tudo deviam a esse povo generoso, cometendo a mais negra das traições, aderiram ao movimento fascista.

Ramon Franco teve o castigo merecido. Em agosto de 1936, morreu vítima de um terrível desastre de avião, quando, comandando uma esquadrilha italiana, dirigia um bombardeio contra a heroica ilha de Minorca que se mantinha fiel à causa da liberdade.

Queipo de Llano, o carrasco de Sevilla, ainda vive e ainda comete crimes contra o povo espanhol, sabendo embora que, de há muito, está condenado à morte e pagará com a vida os seus crimes terríveis, alguns dos

quais vou narrar na estampa desta semana.

Os crimes de Queipo

PABLITO. Este nome provocava, ao ser pronunciado na Prisão Provincial de Sevilla, um sentimento de horror e repulsa, já que Pablito, verdadeiro monstro, tinha sobre a sua consciência a morte de oitocentas pessoas por ele executadas sob os muros do cemitério.

Vamos ouvir os crimes de Pablito contados por ele mesmo, com grande cinismo, ao escritor Francisco Gonzalves Ruiz que esteve preso dois meses na prisão de Sevilla.

Eis o que disse Pablito.

«.. Quando surgiu o Movimento Nacional, dirigido pelo nosso glorioso caudilho, eu ingressei nas fileiras da Falange, sendo destinado a um pelotão de execuções e, até este momento, já executei pessoalmente oitocentas e um condenados...»

Recordo-me, continuou Pablito, de que fuzilei 47 sobre os muros da Piscina e 52 na estrada de Alcalá de Guadaira. Eu era o chefe do pelotão, pois tinha melhor pontaria que os meus companheiros.

Diariamente acudíamos ao Comissariado de Polícia para receber os que deviam ser fuzilados,

(Conclui na página 4)

manequim agora de cimento armado, bem sujo de zarcão, mais fanfarrão que nunca e voraz como sempre.

Foi, assim, entronizado, pela centésima vez, o feitico grosseirão e desastroso. E temos, nós anarquistas, de redobrar de esforço para patentear aos homens, às vítimas do Baal, a estupidez dessa crença louca, pela qual vivem dando, ao deus tragador, os próprios filhos nas oficinas, na lavoura, nos quartéis, nos campos de batalha!

Será possível tanta cegueira?

DOCTRINA

Nesta página doutrinária inseriremos, traduzidos, artigos de militantes estrangeiros numa seleção cuidadosa. Pretendemos que os anarquistas brasileiros para os quais, na maioria, é inacessível a imprensa anarquista mundial, tenham conhecimento dos escritores anarquistas mais representativos do passado e do presente.

Trata-se de um folheto de uma centena de páginas, em que Eusebio C. Carbo procura mostrar o que significa e representa o marxismo.

Inicia o primeiro capítulo a epígrafe: «É difícil encontrar em Marx uma só idéia não exposta anteriormente por escritores do período chamado utópico. (G. Richard, A Questão Social e o Movimento Filosófico).

No segundo e terceiro concretiza a epígrafe e faz ver que Marx não é o criador do sistema que tem o seu nome. A dialética marxista é... de Hegel. A idéia de luta de classes tiveram-na, antes dele, Deville, Turgot, Mirabeau, e Cahen a expôs em seu livro — A Idéia de Luta de Classes no Século XVIII. A teoria da proletarização crescente foi anunciada sessenta e cinco anos antes dele, tanto por pensadores socialistas quanto por outros. A teoria do valor, que Marx incorporou a seu sistema de Smith e Ricardo. O seu con-

traste com a teoria da proletarização crescente, diz: «No que respeita às suas consequências, o desastre foi

A Bancarrota Fraudulenta do Marxismo

total. Principalmente na Rússia, onde se pretende ter a confirmação categórica das previsões atribuídas ao autor de «O Capital». Se nela, o país menos proletarizado do mundo, relativamente à sua população, se deu a derrocada do capitalismo, fálhou a dialética.

Voltando-se para a concentração do capital, afirma haver tido Adam Smith muito mais visão que Marx, fato reconhecido por vários marxistas.

Em relação ao valor do trabalho de cada homem, mostra, em oposição a Marx, não haver diferença, uma vez que todos são igualmente necessários, e conclui: Não é mais valioso o que monta automóveis, microscópios, ou barômetros, que quem assegura diariamente a higiene dos povos e das cidades. E é uma verdade, acrescentamos nós; porque se o trabalho destes últimos não fosse realizado, aqueles seriam vítimas das doenças mais diversas e terríveis. E para que eles fizessem o serviço destes, tinham de prejudicar o seu. O que é indispensável é que todos tenham, a tempo e à hora, aquilo de que precisam.

E mais adiante: «O que menos importa é que quem produz trabalho necessário, o faça com o compasso ou a goiva, a pena ou a enxada, o microscópio ou a soveia». Ainda aqui se conduz o autor com muita razão, pois, para se chegar ao resultado de um trabalho como uma folha de papel, uma máquina, um sapato, é indispensável o trabalho conjugado do mineiro, do mecânico, do agricultor, do químico, do engenheiro, etc., como antes já mostrara.

Ao mesmo tempo que vai demonstrando quanto é falsa a obra de Marx, vai revelando-lhe, também, sofismas e confusões. Assim, transcreve da obra de Goblot, «O Sistema das Ciências», o seguinte: «O próprio Marx confessa que os capítulos de «O Capital», em que explica a teoria do valor, são difíceis de compreender. Engana-se: tais capítulos são incompreensíveis». E em seguida: «Na Filosofia das Ciências Sociais», de Worms, demonstra este, que a teoria do valor, de Marx, não resiste à objetividade da análise científica. «Diz mais: G. Richard, em «A Questão Social e o Movimento Filosófico», põe

a nu a sua insistência e a qualifica de «extremamente quebradiça».

Depois de dizer que Marx não tratara da «plusvalia» com tanta originalidade e clareza quanto Deville, em «Princípios Socialistas», e tão profundamente quanto Proudhon, a quem, odiando, foi obrigado a citar, invoca o testemunho de Kautsky, «formidável cultura marxista», título que lhe deram aqueles que mais tarde o chamaram — «cínico mistificador do marxismo», por não querer pensar com a cabeça de Marx.

Diz o «renegado» Kautsky: «Os pensadores podem, até certo ponto, conhecer a direção dos fenômenos econômicos, porém, não determiná-los a seu capricho, nem prever exatamente as formas que revestirão depois».

Cita ainda, além de Kautsky, a outros como Bernstein, Sorel, Errico Leonne. Bernstein, depois de esculdrinhar bem a obra de Marx, conclui que ele não soube dar, nem realmente sequer, uma resposta realista à sua obra e mostra que a sua base é falsa. Sorel, cujo nome prestigiu o marxismo, depois de declarar a sociedade

ideada por Marx, uma coisa utópica, declara: «E' preciso abandonar a idéia de transformar o Socialismo, em ciência». Errico Leonne, após tentar uma revisão do marxismo, como Sorel, afim de adaptá-lo às condições reais, vê que ele se desfaz diante da sua crítica e conclui que os partidos que lutam pela conquista do Estado, são incapazes de ajudar a revolução transformadora. E assim Leonne passou também para o catálogo dos pequenos burgueses, dos «indesejáveis».

Passando a examinar a base do marxismo — a concepção materialista da História, cita afirmações de Engels, a outra alma de Marx, que concorrem para provar-lhe a falência, como: — «que sem ser de procedência econômica são susceptíveis de reações formidáveis;» «a causalidade econômica não é exclusiva na História, unicamente decisiva»; «tão pouco se conforma sempre o caráter decisivo da causalidade econômica».

Prossegue: «O fator decisivo da causalidade econômica de um país não sabe estar suicidando-se, mas

Continua na pag. 4

A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSÉ OITICICA

(Continuação do numero 10)

48 — Resultado final — Os homens acham-se portanto, submetidos a uma dupla idolatria estupidificante: a *ética*, dirigida pelo Estado, e a *religiosa*, dirigida pela Igreja ou igrejas.

Os grandes industriais, compreendendo as vantagens dessa idolatria intensiva, promovem movimentos de toda sorte com tais tendências. Veja-se, por exemplo, o célebre *escotismo* e sua estensão pelo mundo inteiro, aplaudido, animado e sustentado pelos capitalistas. O *credo* dos escoteiros é um programa essencialmente capitalista, com todas as idéias idolátricas necessárias à defesa do regime burguês.

Para contraprova, examine-se o que faz o Estado com os indivíduos que tentam contrapor-se a semelhante estupidificação do povo. Um destes, Francisco Ferrer, planejou fundar na Espanha, país até pouco assenhoreado pelos jesuítas, uma série de *escolas racionalistas*, cujo fim era ensinar às crianças as verdades científicas, suprimindo dos seus programas as mentiras e os preconceitos zelosamente aconselhados pelo Estado. Ferrer foi preso, processado, vilmente condenado à morte contra todas as regras do direito e fuzilado no forte de Montjuic, em 13 de outubro de 1909.

IX

49 — Males do regime capitalista — Ao tratarmos da concorrência mercantil, aludimos com uma observação, à soma de des-

grças sociais a ela consequentes. Vamos estudar, com mais minúcias, esse ponto capital. Lembremos que é *mal* todo desperdício de energias aproveitáveis e *bem* todo aproveitamento de energias.

O desperdício de energias pode dar-se de sete modos: *a* — por não aproveitamento, quando esse aproveitamento é possível e necessário; *b* — por aplicação do trabalho em obras mal projetadas, que se têm de desfazer para refazer; *c* — por improdutividade do serviço mal organizado; *d* — por emprego de braços em serviços inúteis; *e* — por serviços destrutivos; *f* — por inatividade ou ócio; *g* — pelas crises comerciais. Não se confundam desperdícios dependentes da vontade humana com *perdas* inevitáveis por *acidentes* ou pela natureza de certos serviços.

Vamos ver que o regime capitalista se caracteriza pelo colossal desperdício de energias humanas.

50 — Não aproveitamento — Já falei no cálculo de um economista francês sobre o inverosímil desperdício consequente ao não aproveitamento das cachoeiras do Ródano. Fatos como esse podem citar-se às dúzias, em toda a parte.

Vejamos alguns exemplos nossos. (1)

A nossa Estrada de Ferro

(1) Não esquecer que isso foi escrito em 1925, na prisão da Ilha das Flores, em tempos de Bernardes.

Central do Brasil, desde muito, poderia estar eletrificada; entretanto, deixam-se inaproveitadas cachoeiras próprias para tal serviço e o empréstimo especial, para esse fim contraído pelo presidente Epitácio Pessoa, foi criminosa e impunemente desviado por esse presidente. Grande é o desperdício com a compra forçada do carvão inglês, caríssimo.

O plantio sistemático da hévea preta, no Amazonas ou Pará, pouparia colossal trabalho feito nos seringais longínquos, com o corte e preparo da borracha. Essa plantação sistemática tem sido contrariada pelos próprios seringueiros ameaçados de desvalia das suas terras; mas os americanos da empresa Ford estão realizando agora essa elementar noção econômica.

Durante o governo Campos Sales, uma casa inglesa obteve concessão para construir o porto de Jaraguá em Maceió. Firmou-se contrato; mas os políticos pernambucanos, temendo concorrência, por ser mau o porto do Recife, levaram o governo federal a rescindir o contrato pagando dois mil contos de indenização!

51 — Obras mal feitas, a refazer — Raramente se dá isso nas empresas particulares, mas é comuníssimo nos serviços do Estado, quer diretamente feitos, quer por empreitada. Se a fiscalização não é rigorosa, o empregado emprega material inferior ao declarado nas propostas. Basta, pois, não seja o oficial incorrup-

tível para que se malacabe a obra. Exemplo frisante nos deparam as obras contra a seca no nordeste brasileiro. Preciosas energias ali se consumiram, devendo ser tudo feito. Outro exemplo é a estrada de ferro de S. Luis a Caxias, no Maranhão, cujos quilômetros iniciais têm sido feitos e refeitos.

Nas empresas particulares são frequentíssimas as obras para *alargamento*. Começada uma empresa com pequeno capital, pequenas são as instalações; depois, progredindo ela, são essas instalações desfeitas para se refazerem mais amplas. Em regime anarquista seria logo calculada a capacidade máxima, evitando-se esses refazimentos prejudiciais.

52 — Serviços mal organizados — Leroy-Beaulieu escreveu um precioso livro, *o Estado moderno e suas funções*, onde demonstra, com irrefutáveis argumentos e numerosíssimos exemplos, a incapacidade industrial e comercial do Estado. Todos os serviços pelo Estado dirigidos são mal organizados e deficitários. O primeiro e inevitável motivo de desorganização é o excesso de pessoal e diminuição das horas de serviço. O pessoal é constantemente aumentado pelos empenhos dos políticos profissionais, que fazem eleitores certos nos seus protegidos. Cada chefe político forceja por obter o maior número

de empregos satisfazendo a turba inesgotável dos que vão pedir *colocação*. Naturalmente, para dar serviço a toda essa turma, apertam-se as horas de trabalho, de modo que nas repartições públicas, o expediente *real* é de quatro horas ou menos, com duas de palestra e café.

O funcionalismo público é uma das feições mais tristes do parasitismo social, pois evidencia a depressão física e mental das vítimas.

Estrondosas falências de empresas, por vezes colossais, verificam-se diariamente por organização ruim dos serviços, por falhas básicas dos projetos, erros de instalação ou incuria dos técnicos.

Um ponto essencial nesse desperdício por organização viciosa é o fato comum e inevitável, em regime capitalista, de pequenas uzinas ou fábricas na mesma zona, explorando o mesmo serviço, em vez de uma só de máxima capacidade. No Rio de Janeiro, em Juiz de Fora, em Alagoas, etc., há numerosas pequenas tecelagens de algodão, com visível desperdício de energias. Esses desperdícios vão sobrecarregar o preço dos produtos e pesar sobre a massa consumidora.

Todo o mundo sabe que o Lloyd Brasileiro não dá lucro exclusivamente por causa da sua organização precária, com margem para furtos e inúteis gastos.

(Continúa)

AÇÃO ANÁRQUICA

Movimento anarquista

Resumimos do *Servicio de Prensa* publicado pelo secretariado da A.I.T., de 22 de maio, as seguintes notícias:

Juventude espanhola em França. Os jovens anarquistas espanhóis em França realizaram, aos 17 de março, em Toulouse, seu segundo congresso. Reuniram-se 150 delegados, representantes de umas 200 federações locais, com o total de uns 5.000 associados.

Foi adotada uma resolução do teor seguinte:

«Os jovens libertários reuniram-se e reunir-se-ão novamente em França na F.I.J.L. impelidos pelas seguintes razões:

1. Porque em todos eles se aninha o mesmo anelo: a Anarquia.

2. Porque consideravam e consideram que, unidos todos os esforços da juventude ácrata, terão mais eficiência e mais possibilidades de êxito.

3. Porque a juventude tem seus problemas peculiares que somente a juventude pode resolver.

4. Porque, com as outras juventudes espanholas, acentuando-lhes a sua divergência com as demais correntes, pois não admitem o patriotismo, o estatismo e o militarismo, pregando ao contrário o internacionalismo, o antiestatismo e o antimilitarismo.

Manifestam-se de perfeito acordo com as resoluções tomadas pelo M.L.E. — C.N.T. relativamente a Franco e à Falange.

Tratam ainda da criação de uma Internacional Juvenil Libertária. A comissão recomenda:

1. Propor às organizações juvenis libertárias de todos os países a reconstrução da Internacional Juvenil Libertária.

2. Propor, para isso, a criação de uma Comissão Reorganizadora da Internacional Juvenil, composta de delegações das Juventudes Libertárias Francesas, da Federação Juvenil Libertária Italiana e da F.I.J.L. em França.

3. A Comissão Reorganizadora da I.J.L. cuidará logo dos trabalhos preliminares para a celebração de um congresso internacional onde se elabore uma declaração de princípios e se fixe a trajetória da I.J.L.

4. Aconselha-se, para residência da Comissão Reorganizadora, a França.

5. Sendo impossível o comparecimento de delegados de todos os países, considerar-se-ão válidos os acordos feitos por carta.

6. A Com. Org. publicará um boletim informativo de todo o movimento juvenil libertário.

7. A data do congresso deve coincidir com a celebração do congresso da A.I.T., conquanto sejam de todo independentes.

8. Para acelerar a realização do Congresso, nomear a Comissão Reorganizadora com dois membros.

9. Dada a situação das organizações juvenis afins da América Latina e a presença no México do Comitê de Relações da F.I.J.L. propõe-se que a militância no México designe um companheiro para colaborar com a delegação da Comissão Reorganizadora.

Ocupou-se o congresso ainda com questões de cultura, propaganda e outros assuntos.

França. O primeiro congresso da C.L.T. francesa depois da guerra efetuou-se em abril.

Como era de esperar, os comunistas dominaram e repeliram naturalmente todos os princípios formulados pelos os anarcasindicalistas, todos defensores da liberdade sindical, direitos de greve, ação direta, etc.

A central reformista sueca lá compareceu. Os delegados, de volta à Suécia, frisaram bem dois fatos: 1. os comunistas declararam-se desinteressados de reivindicações obreiras e a maioria abafou qualquer iniciativa nesse ponto; 2. para os comunistas franceses é quase blasfêmia lembrar um método de luta chamado: *greve!*

Indignados com os comunistas, os sindicalistas revolucionários resolveram fundar outra central independente, filiada à A.I.T. Em

PALESTRA

Realizada na tribuna política da Radio Cruzeiro do Sul de S. Paulo

Antes de iniciar, quero frisar o seguinte: o digníssimo diretor desta simpática Difusora, pede sempre aos oradores deste programa que se abstenham de ataques pessoais e se cinjam à propaganda e debates de doutrinas políticas e sociais. Desrespeitando a finalidade desse programa, ocupou este microfone um senhor, dizendo-se advogado e católico; mas, não debateu em torno da concepção filosófico-social da doutrina anarquista, porque talvez desconheça o anarquismo; moveu apenas guerra aos anarquistas. Disse, de início, que não deveria ser permitido o absurdo de ocuparmos nós este microfone, ponderando que nós somos um caso de medicina psicopatológica, para concluir afirmando que somos um caso de polícia por sermos terríveis bandoleiros. A isso nós respondemos: ou bem somos um caso de medicina, ou bem somos um caso de polícia, por ser diferente a missão desses dois organismos na sociedade atual. Dissemos missão diferente porque, enquanto a medicina procura combater causas, a polícia só tem a missão de combater efeitos. Disso ressalta que «esse» advogado confunde debates em torno de doutrinas político-sociais com fazer «chicanas». Repito: confunde debates em torno de doutrinas político-sociais com fazer «chicanas». Sempre disseram nossos adversários dignos que, de tão bela, a nossa doutrina não passava de grande utopia. Isso prova que nós, querendo levá-la à prática, estamos na vanguarda da civilização. Sendo assim, dispensamos a assistência de médicos psicopatas. Quanto a sermos um caso de polícia, é uma afirmativa com segundas intenções, própria de «chicanistas» ou indivíduo completamente ignorante das questões e das lutas sociais, porque, quando anarquistas praticaram atos violentos, o fizeram em legítima defesa, casos esses muito raros. Que não dizer dos crimes cometidos pela burguesia? Entre tantas guerras feitas pelos capitalistas, consideremos esta última, que ainda ressoa em nossos ouvidos e onde foram vitimados milhões de seres humanos inocentes, além dos que morrem diariamente por miséria, os mesmos que trabalhavam para sustentá-los. Todas essas monstruosidades que nós combatemos, eles as praticam com fins e interesses exclusivamente materiais e ninguém honestamente poderá negar isso. Que não dizer do chefe da igreja católica! Esse, durante a guerra do fascismo italiano contra a indefesa Abissínia, colocou-se ao lado do fascismo e, para encobrir esse crime monstruoso, disse que a guerra era necessária e santa, abençoada por Deus; ante essa calamidade, nenhum padre ou burguês, em todo o mundo, esboçou o mais íntimo protesto. Mas nós, os anarquistas de todo o mundo, protestamos por todos os meios ao nosso alcance. Agora farei um pequeno resumo do anarquismo. O anarquismo é a parte mais elevada das doutrinas socialistas. Procura estabelecer a ordem na sociedade, o que não existe na sociedade atual, o que só será possível com

a eliminação da autoridade do homem sobre o homem, autoridade anti-natural e criminosa. Quanto à família, fenômeno biológico e agregado natural, ponto base das sociedades humanas, somos partidários da sua existência e, se defendemos o divórcio, é porque há casais que, em sua união, não encontraram afinidade de caráter ou encontraram imprevistos de fundo sexual que lhes torna a vida em conjunto verdadeiro suplício. Em países onde não existe o divórcio, não deixam de existir separações ou isso é evitado para se calar a crítica da sociedade. Evita-se a separação é certo, mas se mantém vida em concubinato fora do lar, ato esse que condenamos e que se nota hoje muito acentuadamente na classe rica. Com relação ao espiritualismo, sempre nos manifestamos contrários aos indivíduos que mercantilizam com as religiões fazendo da crença popular alto negócio, para viverem parasitariamente; mas reconhecemos, e ninguém mais do que nós, o direito de todo ser humano ter sua crença e sua fé. Ideologicamente, optamos pelas ciências positivas. Os anarquistas são internacionalistas por julgarem ser as fronteiras criação artificial que tem causado muito males à humanidade e devem desaparecer para que seja a humanidade uma só família. O anarquismo tem lutado e luta pela socialização dos meios de produção, distribuição do produto de acordo com as necessidades de cada um, porque as riquezas sociais já permitem que assim se proceda. Somos contra a propriedade privada, porque a propriedade é um roubo. O homem é produto da natureza e não a natureza produto do homem. Toda riqueza acumulada é produto dos que têm trabalhado em todas as gerações passadas e na presente. O capital só apareceu para apoderar-se e negociar com o produto dos que trabalham. Ninguém será capaz de acumular riqueza com seu exclusivo trabalho; do contrário, todos os trabalhadores se tornariam ricos, o que não sucede nem pode suceder. Somos contra todos os organismos parasitários tão abundantes na sociedade capitalista. Optamos por uma sociedade onde todos devam trabalhar executando-se os inválidos, os menores e a velhice. Estes deverão receber o necessário amparo da sociedade.

O ensino superior será ministrado a todos os interessados e a assistência médica a todos os que dela necessitarem; enfim, queremos uma sociedade sem distinção de classes, cujo princípio fundamental seja a solidariedade humana. Quanto à direção política da sociedade, optamos por organismos formados em sentido federalista com função exclusivamente executiva. Enfim, o anarquismo não é uma utopia. As realidades de hoje foram utopias de ontem. Sabemos não ser possível a transformação da sociedade de maneira instantânea, mas procuramos acelerá-la. Algo do nosso sonho de justiça já existe concretizado, pois todos os benefícios que hoje os trabalhadores desfrutam são resultado de muitas lutas sustentadas por todos os revolucionários sinceros da esquerda, através de um dos nossos meios de ação, o sindicalismo de ação direta. Nada do pouquíssimo que os operários possuem lhes foi dado pela burguesia ou pelos governantes. No entanto, há políticos que descaradamente reivindicam para si, como obra sua, o pouco que existe beneficiando os trabalhadores. Ninguém como os proletários sente a necessidade do anarquismo. Mas, devido à falta de instrução, não puderam eles dar-lhe forma de expressão, ser muito

essa missão a quem se agiram revoltados da aristocracia a que pertenciam e desceram até nós, para trabalhar e sofrerem conosco, com o fim único de nos ensinar como nos devemos libertar da escravidão em que sempre vivemos. Vou citar alguns desses grandes vultos da humanidade que o proletariado guardará eternamente na memória. Entre tantos, citarei o príncipe Pedro Kropókin, Enrico Malatesta, o riquíssimo Bakúnin, o conde Leon Tolstoi, Pierre Proudhon, o maior economista da França, Eliseu Reclus, célebre geógrafo, o marquês Armando Cafiero. E para terminar, direi que ninguém sonhe em querer estancar o progresso e a evolução do mundo; quando muito, poderá retardá-los.

Antônio Carlos

Administração

1 — *Ação Direta*, semanário anarquista, vive exclusivamente das contribuições assumidas voluntariamente por seus simpatizantes. A Administração pede encarecidamente aos contribuintes já existentes, como aos novos, que fixem sua quota mensal e procurem nem variá-la, nem deixar de enviá-la até o dia 5 de cada mês. A não observância dessas duas condições pode perturbar o andamento de *Ação Direta*.

Tão pronto o número de contribuições ultrapasse as necessidades de *Ação Direta*, empreenderemos a publicação de folhetos e, quase certo, um suplemento cultural (ciência, literatura, música, etc.)

2 — Toda correspondência deve ser enviada para a rua Buenos Aires, 147-A-2.º — Rio de Janeiro.

Reforço para Ação Direta

COMPANHEIRO! Você leu AÇÃO DIRETA? Comprou-a sem dúvida, mas saiba que um exemplar de AÇÃO DIRETA, a 50 centavos, dá DEFICIT, porque nos custa 80. Com 40 por cento ao distribuidor, baixa o preço a 30 centavos. De modo que o DEFICIT, em cada exemplar, é de 50 centavos.

Se você deseja cooperar na manutenção de AÇÃO DIRETA, escreva-nos para Rua Buenos Aires, 147, A-2.º andar — Rio, marcando uma contribuição mensal. Nossas contribuições vão de 10 a 200 cruzeiros. A hora é de sacrifícios e o companheiro não deve poupar nenhum para manter e desenvolver nosso periódico.

A causa merece e o exige!

AÇÃO DIRETA

não pode aumentar sua tiragem agora; mas você, leitor, pode concorrer para difundir suas doutrinas lendo-a sempre a cinco, dez, quinze pessoas amigas e com elas discutindo os assuntos tratados. É um meio prático de aumentar-lhe enormemente a tiragem. Faça isso! O êxito está na ação!!!

A REALIDADE EM PORTUGAL

Um companheiro português recebeu de um amigo atualmente em Portugal, uma carta de que extrairamos o seguinte depoimento:

Eu enveredei por senda muito perigosa, a da Política, sobretudo numa altura em que o cavalo em que joguei estava a ser posto fora de cena, e assim, bom grado mau grado, vim engrossar a mole dos chamados *Sebastianistas* da política portuguesa, terra onde o problema político gira à roda apenas dos empregos públicos, triste final, e bem triste, dos ideais que julgamos alevantados, generosos, etc.

E, neste terceiro império colonial do Mundo, onde uma metrópole com escassos oito milhões de habitantes morre à fome, porque, terra de fidalgos arruinados, beatas e padres (industriais de missas) fadistas e toureiros de inverno, e bachareis enrascados, tem o problema da fome, que mandou para a morte seis mil rapazes para a Guerra do Franco, ali na Espanha, rapazes que foram morrer não na defesa duma idéia que não tinham, mas porque contavam com a lata do rancho apenas, nesta terra onde há quem cometa crimes só para ter o hotel da cadeia, onde não há preocupação de lutar pelo pão de cada dia, estás a ver qual a delícia dos portugueses e das as-

... (após mais alguns meses) este país que podia ser e devia ser dos mais ricos do mundo, está de «tanga», talvez por uma assimilação de hábitos de certos habitantes do Império, e assim, em vez de sermos colonizadores, somos apenas colonizados. Quer dizer, o indígena do Império está a tirar a desforra do que os homens de quinhentos por lá fizeram, por-

que aqui se arranjou a adoção de seus hábitos: — a tanga.

É esta a experiência comunista em Portugal. E, caso mais engraçado, os atuais políticos ainda teem o descaramento de se dizem anticomunistas. Totalitários, copiando os figurinos fascista e nazi, que, por sua vez, são a cópia afeiçoada aos locais do figurino Stalinista da Rússia, esses tipos ainda se dizem anticomunistas, talvez porque certos idiotas que se dizem democráticos se metem a admirar os Sovietes apenas pela razão de terem estes cometido a incongruência de mandarem gente e auxílio ao Governo Republicano de Madrid.

Estás pois a ver, meu caro, como a Europa parece um asilo de doídos, e então de Portugal nem se fala.

Pois se há indivíduos que se dizem republicanos, e são partidários desta «Realeza bem real de SS. Magestades D. Antonio II, e D. Antonio III, só porque ela tem o nome falso de República!!!

Como vês, a maior parte do público perde-se pelas palavras e não pelo seu significado.

A Rússia, protótipo do governo totalitário, fenómeno local, puramente local, porque sempre viveu em absolutismo feroz, serve de modelo ao fascismo que até teve a preocupação de mandar fazer hino parecido com a Internacional. E há muito quem não saiba distinguir a *Giovinezza* da *Internacional*.

O fascismo e o comunismo russo servem, por sua vez, de modelo para o nazismo, ou nacional-socialismo.

E, se estes sistemas foram necessários a países sobrepovoados e empobrecidos, vá de usar aqui em Portugal e em Espanha a fórmula... porque está na moda.

ESTAMPAS DE ESPANHA

Continuação da 1.ª pag.

os quais entravam no caminhão que havia de conduzi-los, ao muro fatal. Chegados lá, desciam um a um e eu os esperava para executá-los.

Jamais falhou a minha pontaria, afirmou Pablito. Atirava à cabeça ou ao coração e o tiro era fulminante; o condenado não soa fria. Recordo-me de que uma mulher, ao descer do caminhão, gritava loucamente, dando vivas estridentes. Quando apontei o fuzil quis ela gritar — ... Viva a liberdade... O grito ficou em *Viva a Li...* o meu tiro certo cortou a liberdade em dois pedaços...

Música e sangue...!

Quando os transeuntes passavam pela porta do Comissariado da Polícia que existia na rua de Jesus, escutavam com frequência os acordes harmônicos de um piano. A música do piano misterioso ocultava uma tragédia dolorosa.

Numa sala do primeiro andar, os presos eram colocados em filas de seis, nus da cintura para cima e olhando para a parede. Atrás de cada preso, um guarda empunhando um vergalho de arame. Feito isso, o comissário perguntava.

Em quem votaste nas eleições...? e, ao dizer isso, o vergalho caía cruelmente sobre as costas dos condenados. Se estes, na incons-

E depois de se pôr em prática a fórmula, — vá de atacar o comunismo.

Ora, tudo isto é cômico, mesmo muito cômico, e, não fora o séquito de violência e ataques à liberdade individual que tem acarretado, era mesmo para rir. Mas o pior é que, de cômico, passou a trágico. Assistimos ao eclidir do reinado da violência e do arbítrio máximo; não há justiça nem leis, mas apenas a cara de cada qual, e se ela não for das mais bonitas, má sorte tem o respectivo dono.

Desde que se pôs de lado a educação cívica, o respeito à liberdade de cada um, o reconhecimento de que todos têm direito ao seu quinhão no mundo, caiu-se não em humanidade civilizada, mas em verdadeira alcatéia de lobos, onde o que melhor morde, o que mais violências cometer, o que melhor lutar para *arranjar-se*, é que será triunfador.

Por isso, meu caro, eu também «falhei na vida». Não a compreendo assim.

Desde que todos os nossos atos estão sujeitos a peias, a burocracias, a penalidades, desde que temos que pôr de parte o dever cívico para o substituir pelo medo à cadeia, ao exílio e deportação, tudo se abastarda e abandalha, e então é para dizer como dizia o Alexandre Herculano: — Dá vontade de morrer.

Este terceiro império colonial do mundo, fidalgo com ricas quintas que não sabe nem quer explorar, eivado de mentalidade de sacristia, cheirando a ranço, bafio e pingo de cera de tocha de defunto, tresandando a azeite queimado de lamparina e a incenso, está pelo menos a conseguir uma grande e alevantada cousa para nós todos: — garantir-nos o Céu, pelo sacrifício, pela oração, pelo jejum e pela peni-

ciência que a dor produzia, respondiam — Nas esquerdas — estavam fatalmente perdidos, pois, momentos após, marchavam para o muro do cemitério.!

Enquanto isso acontecia na sala destinada aos suplícios, o músico misterioso, para abafar os lamentos das vítimas, tocava ao piano uma marcha militar...

Um rádio próximo iniciava a sua audição gritando alegremente... *Franco! Franco! Franco! Arriba España...*

Até quando...?

O Rádio de Madrid anunciava estes dias que Sevilha palpita de alegria com as festas de verão: *touradas, cante flamenco, feiras, bailes ao ar livre* e, à frente dessa comédia, o palhaço trágico, *Queipo de Llano*.

Esta é a Sevilha dos granfinos, da Falange, das hordas franquistas. A Sevilha autêntica, a que ama a liberdade, está nos lares proletários, hoje em ruínas, nas fábricas, nos campos, nos fundos das minas, onde existem corações generosos que aguardam o momento supremo da justiça...

Ajudemos os irmãos da Espanha, elevando nossa voz de protesto contra o tirano, e de solidariedade para os que, lutando pela sua liberdade, defendem, com o seu sacrifício, a liberdade de todos os povos do mundo.

Abaixo o franquismo...

Rio, Junho de 1946

tência. Mas fomos à Índia, descobrimos o Mundo e vencemos em Aljubarrota. E isso nos basta para nada mais precisarmos de fazer.

O que não dizem é que, se Nun'Alvares voltasse ao Mundo, teria sido deportado para Timor por inconveniência e desordeiro. O que não dizem é que o Nun'

Alvares foi a alma duma revolução popular que correu com a chamada *boa gente* daquele tempo, antecessora da *boa gente* de hoje, boa gente que endeusa o Condestável, tal qual os atuais vendilhões do templo endeusam o Cristo que correu com umas cordas os seus antecessores remotos.

O CAMINHO DA IGUALDADE

P. Ferreira da Silva

A água é um elemento que nos dá a mais perfeita demonstração da tendência natural para a igualdade, pelo seu nivelamento constante. Com um elemento sólido faremos, à vontade, escalas e degraus; a água resiste a tais caprichos e imposições, e, deixando-a livre, procura por si mesma estabelecer sempre uma superfície uniforme.

Dentro dum tanque podemos dispor pequenas divisões ou diques e, dentro de cada um, a água em alturas diversas; mas destruídas essas barreiras, a água livre logo ficará igual.

Não será então a liberdade o caminho natural para a igualdade?

Outros haverá no entanto que não se dão ao princípio de que o homem livre é o que mais procura a sociedade igual. Não poderemos alcançar a igualdade social ou econômica enquanto estivermos presos ao preconceito ou ao interesse. Eis porque o cooperativismo, não tem sido bem visto pelos libertários, pois cria o interesse e este a desigualdade contrária aos nossos ideais de perfeição.

De fato, nas cooperativas houve sempre um objetivo de lucro, mais ou menos preponderante, e nelas o lucro não é igual para todos, quando se condiciona a sua distribuição à proporcionalidade, por exemplo, do consumo de cada membro da cooperativa.

Mas a cooperação é um dos fundamentos da Sociedade anárquica. É com ela que se demonstra a possibilidade das comunas livres. Só a cooperação, ampliada, multiplicada, praticada por todos os indivíduos, pode tornar viável a nossa emancipação, uma sociedade livre fora das utopias que nos atribuem, desmentido à maledicência dos adversários, destruição do pessimismo dos incredulos. Libertemos o cooperativismo dos seus vícios de negócio, e teremos a cooperação como esforço para a igualdade.

No início do seu livro *Origem e desenvolvimento do sindicalismo operário*, Palmiro Marba escreveu o lema: «*Toda energia aplicada à conquista da emancipação econômica e social do ser humano é um novo e positivo avanço no caminho da igualdade*».

Em alguns trechos desse livro se alude ao cooperativismo. No Congresso de Bruxelas de 1863, a Associação Internacional dos Trabalhadores votava a seguinte re-

solução: *Toda sociedade baseada nos princípios democráticos repele qualquer detenção ou apropriação feita em nome do capital, seja qual for a forma em que se disfarce: renda, juro ou lucro, e deixa assim ao trabalho todo o seu direito, toda a sua justa remuneração*. Com isso condenou as associações cooperativas, porque já então havia, como ainda hoje, nessas sociedades, a finalidade do lucro, dos dividendos, do interesse mercantil.

As cooperativas de produção devem ter por objetivo, além de fazer o trabalhador emancipar-se do salário, a abolição na

consumo, por parte do trabalhador das garras do intermediário inútil, proporcionando-lhe a aquisição dos gêneros em condições mais favoráveis e combatendo a exploração dos comerciantes até os extinguir, o que constituirá dupla ação em benefício da coletividade produtora.

Pensemos, sobretudo, que é preciso fazer alguma coisa, já que todo esforço conduz à igualdade, quando é livre.

As cooperativas, experiência de muitos anos, foram um meio de associação e entendimento como todos os movimentos de defesa econômica do povo. Tomaram rumos diversos, adquiriram características, oficiais, normas padronizadas. Mas conservam a sua essência primitiva, de oposição ao comércio que faz o jôgo dos preços e ganha com a fome dos explorados.

Postas de lado pelos militantes de 1863, merecem hoje a atenção de outros que as estudam e recomendam.

Foi publicado recentemente um livrinho de A. Souchy, *O movimento cooperativista na Suécia*, que é de grande oportunidade. Analisando-o, conclui que é muito importante, pois desenvolve o espírito de entendimento e do trabalho voluntário em comum, ou seja a cooperação, sem a qual não pode haver ordem socialista porque é a primeira pedra do socialismo que parte de baixo, do socialismo libertário.

A associação tende a fazer os homens iguais; a cooperação ajudará os trabalhadores a caminhar para a igualdade.

A Bancarrota do Marxismo

(Conclusão da 3.ª pag.)

que não se importa, e só se preocupa em aliviar as dores de seus semelhantes? A dedicação dos voluntários no salvamento de naufragos, com risco da própria vida, sem por isso nada perceberem? O carinho com que um velho de noventa anos planta uma árvore e a rega cuidadosamente, sabendo não vir a saborear os seus frutos? O caso dos anarquistas, entre os quais se contam sábios, cientistas príncipes, etc. que se arriscam a perseguições e ao cárcere?

Terminemos o comentário, já tão extenso, com os pensamentos do folheto em lide, um de De Greef, outro do sábio anarquista Eliseu Reclus.

«Desde o momento que um fenómeno é social, jamais é puramente material».

A seiva faz a árvore; as idéias, a sociedade».